

**SONHO DE UMA
NOITE DE VERÃO**

William Shakespeare

VERSÃO INFANTIL DE

Hélia Correia

RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
Telef.: 21 8474450
Fax: 21 8470775
Internet: www.relogiodagua.pt
e-mail: relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: *Sonho de Uma Noite de Verão*
Título original: *A Midsummer Night's Dream* (por volta de 1595)
Autor: William Shakespeare
Versão infantil de Hélia Correia
Capa e contracapa: Fernando Mateus sobre gravuras de Füssli
Revisão técnica: Frederico Sequeira

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2003

Esta tradução e versão infantil de *Sonho de Uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, da autoria de Hélia Correia, foi encenada por João Ricardo para o espectáculo estreado na Sala Garret, do Teatro Nacional D. Maria II, a 19 de Novembro de 2003, tendo cenografia de Rui Francisco e figurinos de Maria Gonzaga.

A interpretação foi de Ana Piu, Ana Rocha, André Amálio, Edmundo Rosa, Francisco Brás, João Gualdino, João Pedreiro, Lavínia Moreira, Lília Matos, Maria Gil, Paula Só, Pedro Gil, Rita Martins, Sara Gonçalves.

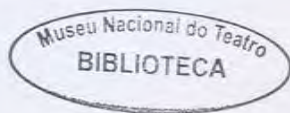
Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Santos & Anahory, Lda.
Depósito Legal n.º: 203716/03

5-153-11
15162

William Shakespeare

Sonho de Uma Noite de Verão

Versão infantil de
HÉLIA CORREIA



Teatro

Personagens

TESEU, Duque de Atenas

HIPÓLITA, Rainha das Amazonas, noiva de Teseu

EGEU, cortesão, pai de Hérnia

Séquito de nobres e de servidores (entre os quais FILOSTRATO)

Os jovens apaixonados:

HÉRMIA

HELENA

DEMÉTRIO

LISANDRO

Os Artesãos-Actores:

MARMELO, o carpinteiro

ATARRACHADO, o marceneiro

CANELAS, o tecelão

GAITINHAS, o que conserta os foles

BIQUINHO, o funileiro

LINGRINHAS, o alfaiate

O Povo das Fadas:

1 FADA

3 FADAS cantadeiras

4 FADAS:

FLOR-DE-ERVILHEIRA

MOSTARDINHA

TEIA DE ARANHA

GRÃO DE POEIRA

TRAQUINAS, o duende

TITÂNIA, Rainha das Fadas

OBERON, Rei dos Elfos e marido de Titânia

Séquito de Fadas

ACTO I

Cena I

TESEU, HIPÓLITA E SÉQUITO

TESEU — Querida noiva, que feliz eu estou por nos irmos casar tão brevemente.

HIPÓLITA — Mais feliz do que eu não estais, meu Duque.

TESEU — Quem diria, Rainha das Guerreiras, que entre nós dois a guerra cessaria tendo este bom final por solução.

HIPÓLITA — É certo. Vós e eu, chefes os dois de dois países em combate intenso. E eis-nos ambos ao amor rendidos.

TESEU — Atrás de vós andei com minha espada e com meu coração vos sigo agora.

HIPÓLITA — Que passe a noite de hoje bem depressa, que a lua ajude o tempo a avançar.

TESEU — E que a minha cidade, a bela Atenas,
prepare as festas para as nossas bodas
com um entusiasmo igual ao nosso.
Que haja alegria e riso em toda a parte!

Entram EGEU com a sua filha HÉRMIA, e LISANDRO e DEMÉTRIO.

EGEU — Duque de Atenas, paz. Eu te saúdo.

TESEU — Graças, Egeu. O que te traz aqui?

EGEU — A maior das vergonhas. Minha filha.
É dela que me venho a vós queixar.

Chega à frente, Demétrio. Este, senhor,
tem a minha palavra de que pode
casar com ela. E este, anda, Lisandro,
atirou-lhe o feitiço do amor.

Sim, sim, rapaz, não negues que lhe deste
poemas e prendinhas; que cantaste
em noite de luar sob a janela
do seu quarto suaves melodias
de forma que o juízo lhe faltou
e no seu coração a obediência
deu lugar à mais feia rebeldia.

De maneira, Senhor, que se ela teima
em não me obedecer, venho pedir
que apliques nela a lei desta cidade:
a filha, por direito, me pertence
e eu faço com ela o que quiser.
Se não casar com quem eu determino,
por essa lei à morte é condenada.

TESEU — Hércia, menina, que me dizes tu?
Olha que um pai é como um deus aqui.

Foi ele quem te fez, como um oleiro
faz do barro uma taça. Assim também
te pode ele destruir quando quiser.
Demétrio é em tudo um cavalheiro.

HÉRMIA — E Lisandro também.

TESEU — Não digo não.
Mas devo ouvir o que me diz teu pai.
Para ele, Lisandro é bem pior.

HÉRMIA — Só queria que ele o visse com meus olhos.

TESEU — Tenta tu vê-lo com os do teu pai.

HÉRMIA — Perdoai, Senhor Duque, o atrevimento.
Não sei o que me torna corajosa.
Mas podeis por bondade esclarecer-me
sobre o que me acontece se eu teimar
em não me querer casar com aquele homem?

TESEU — Pelas leis desta terra, ou morrerás
ou deves dar entrada num convento.

HÉRMIA — Seja então o que for. Não casarei.

TESEU — Pensa bem, filha, não te precipites.
Tens até de manhã para ponderar.
Ou casas com Demétrio, ou morres, ou
fechada num convento te acharás.

DEMÉTRIO — Muda as tuas ideias, minha querida.
E tu, Lisandro, rende-te ao direito.

LISANDRO — Se o pai gosta de ti, meu bom Demétrio, ele que case contigo e dê-me a filha.

EGEU — Goza à tua vontade. A filha é minha e vou dá-la a quem bem me apetercer.

LISANDRO — Ó Duque, eu sou tão rico quanto ele e quanto ele bem-nascido sou.

Ou talvez mesmo mais. Mas o que conta é que Hérmiã me ama, a mim. Este rapaz andou a cortejar a bela Helena e ela retribuiu-lhe com paixão. E agora vede o louco, o inconstante!

TESEU — E eu devo confessar que já me cansa tamanha discussão. Tenho a cabeça cheia de outros assuntos importantes, como o meu casamento. Egeu, Demétrio, vinde ajudar-me a preparar as festas. Tu, minha linda, faz os impossíveis para cumprires a vontade de teu pai. Ah, querida rainha, vós que tendes? Esta terrível cena incomodou-vos. Vós os dois, caminha à minha frente. Depois conversaremos se houver tempo.

Saem todos excepto HÉRMIA e LISANDRO.

LISANDRO — Ah, que pálida estás, amada minha.

HÉRMIA — Ah, que desgraça foi, amado meu, na cruel lei de Atenas ter nascido.

LISANDRO — E, contra a lei, o Duque nada pode.

HÉRMIA — Ainda que o quisesse?

LISANDRO — Ainda assim.

A lei é lei. Não poderá mudá-la
o governante. A cargo tem apenas
zelar para que a cumpra toda a gente.

HÉRMIA — Paciência, então. Aceito a minha pena.
Que à morte ou ao convento me condenem.

LISANDRO — Não, Hérnia, espera. Há uma esperança ainda.
Tenho uma querida tia, que é viúva
e que nunca foi mãe. É como um filho
que ela me vê e ama. A sua casa
fica já para além deste ducado.
A lei de Atenas não se exerce ali.
Terás coragem para lá ires comigo?
Nada haverá que impeça o casamento.

HÉRMIA — Meu Lisandro, nem penso em hesitar.

LISANDRO — Ouve-me então. Recordas-te do bosque
onde uma vez tu com Helena foste
colher as flores de Maio?

HÉRMIA — E onde, Lisandro,
tu passavas também e nos achaste?

LISANDRO — Pois aí mesmo deverás ir ter
a coberto da noite. Não tens medo?

HÉRMIA — Juro que não. Estarás à minha espera?

LISANDRO — Sem falta, lá estarei. Depois iremos

para a casa da minha querida tia.
Não faltes, tu.

HÉRMIA — Não falto.

LISANDRO — Oh, eis Helena.

Entra HELENA.

HÉRMIA — Que pressa, bela Helena. Onde vais tu?

HELENA — Chamas-me bela, quando, para Demétrio,
a bela és tu? São estrelas os teus olhos,
melodia sem par a tua voz.

Ai, se me fosse dado, se eu pudesse
apanhar por contágio essa beleza,
ficar com teu aspecto, tua fala,
teria o mundo aos pés, se conseguisse
que Demétrio voltasse para mim.
O resto te entregava de bom grado.
Ensina-me, Hérnia, diz-me com que jeito
conseguieste chegar-lhe ao coração.

HÉRMIA — Só lhe franzo o sobrolho. E ele, caído!...

HELENA — Mais consegue isso do que o meu sorriso.

HÉRMIA — Digo-lhe más palavras: não me larga!

HELENA — E eu nem a suplicar sei comovê-lo.

HÉRMIA — Quanto mais o detesto, mais ele me ama.

HELENA — Quanto mais eu o amo, mais me odeia.

HÉRMIA — Daquele desvario não sou culpada.

HELENA — É a tua beleza. Quem me dera ter culpa semelhante.

HÉRMIA — Mas sossega.
Demétrio nunca mais me torna a ver.
Lisandro e eu deixamos esta Atenas
que tão perfeita me parecia outrora.
A lei que nos impede de casar
tornou-a num inferno para nós.

LISANDRO — Helena, nós contamos-te um segredo.
Vamos fugir de Atenas.

HÉRMIA — Naquele bosque
onde tanta vez fomos colher flores,
como boas amigas, tu e eu,
tenho encontro marcado com Lisandro
mal a noite cair. Não faltes, querido.

Sai HÉRMIA.

LISANDRO — Hérnia, não faltarei. Adeus, Helena.
Possa Demétrio amar-te novamente.

Sai LISANDRO.

HELENA — Felicidade de uns, pena dos outros.
Toda a Atenas diz que eu sou tão bela
quanto Hérnia o é. Mas não para Demétrio.
E ninguém o consegue demover.
O amor transtorna todo o raciocínio
e já não deixa ver o que antes vimos.

Enquanto não caiu sob o feitiço
dos olhos de Hérnia, tudo o que depois
veio a dizer-lhe a ela, a mim dizia.
Jurava ser só meu. E de repente
tudo ficou a cinzas reduzido.
Já sei: vou a correr denunciar
junto a Demétrio o que Hérnia planeou.
Ele não deixará de ir atrás dela
pelo bosque dentro. E eu atrás dele irei.
Verei o seu olhar agradecido
por ter chegado a tempo de a deter.
E isso me bastará. Talvez, porém,
repare em mim de novo nesse instante.

Sai.

Cena II

Entram MARMELO, o carpinteiro; e ATARRACHADO, o marceneiro; e CANELAS, o tecelão; e GAITINHAS, o que conserta os foles; e BIQUINHO, o funileiro; e LINGRINHAS, o alfaiate.

MARMELO — Eh, malta, está cá toda a companhia?

CANELAS — Era melhor chamares de um modo geral, homem a homem, de acordo com os papéis.

MARMELO — Ora aqui está então a lista com os nomes de toda a gente que vai representar na nossa peçazinha para o Duque e para a Duquesa na noite do dia do seu casamento.

CANELAS — Pedro Marmelo, faz assim as coisas: primeiro dizes do que trata a peça; e depois lêes os nomes dos actores; a ver se assim chegamos a algum lado.

MARMELO — Caramba! A nossa peça chama-se «A tristíssima comédia e a ainda mais cruel morte de Píramo e de Tisbe».

CANELAS — Palavra de honra que é uma belíssima peça, e muito divertida, sim, senhores. Então agora, ó Pedro Marmelo, chama os actores conforme a lista. Senhores, afastem-se uns dos outros um bocado.

MARMELO — Respondam-me conforme eu for chamando. O Nicolau Canelas, tecelão?

CANELAS — Presente. Diz que papel eu faço e continua.

MARMELO — Tu, Nicolau Canelas, vais fazer de Píramo.

CANELAS — E quem é Píramo? Um apaixonado ou um tirano?

MARMELO — É um apaixonado que até se mata por amor e tudo.

CANELAS — Ora bem, isso pede algumas lágrimas para ser bem desempenhado. A audiência que se cuide, vou fazer chorar as pedras, vou arrasá-los à força de comoção. Se bem que a minha vocação puxe mais para os tiranos.

*Sacar de uma espada
e em menos de nada
com uma estocada
cortar a cabeça
de quem me apareça
e a morte mereça
por estar contra mim!*

Isto é que é estilo! Ora bem, então diz lá o nome dos outros actores. Eu, para fazer de apaixonado, não posso representar com tanta energia. Tem de ser uma coisa mais sentimental.

MARMELO — Gaitinhas, o que conserta os foles, onde está?